



ST 02: HISTÓRIA, LITERATURA E BIOGRAFIA

COORDENADORES: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio e
Robson Victor da Silva Araújo

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNEROS E MASCULINIDADES NOS FILMES:
*ORGULHO & PRECONCEITO E RAZÃO & SENSIBILIDADE***

Adriana Alves de Abreu
UFCG- Campos Cajazeiras
adrianinhasjp@hotmail.com

Thamires de Sousa Carneiro
UFCG- Campos Cajazeiras
thamysousa68@gmail.com

RESUMO

Este trabalho visa apresentar um estudo sobre a literatura comparada e a masculinidade hegemônica, na análise crítica comparativa de duas adaptações cinematográficas de importantes obras da literatura inglesa *Orgulho & Preconceito*, de Joe Wright (2006) e *Razão & Sensibilidade*, de Ang Lee (1996), tendo como foco compreender as construções e representações de gênero sob a perspectiva das masculinidades do século XIX. Com isso, tivemos como suporte teórico os autores Bassnett (1993), Silva (2005), Vigarello (2013), entre outros. Percebendo assim, as diferenças de masculinidade hegemônica entre as personagens principais Mr. Darcy, no filme *Orgulho & Preconceito* (2006) e Mr. Ferrars, no filme *Razão & Sensibilidade* (1996). Diante disso, este artigo analisa também

a temática do casamento, mostrando a desigualdade entre as classes sociais, a divisão da herança patriarcal e as convenções sociais da época que determinavam a maneira como Homens E Mulheres Deveriam Se Comportar Para Serem Respeitados Pela Sociedade.

Palavras-chave: Literatura; Masculinidade Hegemônica; Filmes.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo perceber as diferenças de masculinidade hegemônica entre os personagens Mr. Darcy, no filme *Orgulho & Preconceito* (2006) e Mr. Ferrars, no filme *Razão & Sensibilidade* (1996), por meio dos estudos de literatura comparada e masculinidade hegemônica. Nos filmes estudados observaremos diferentes características entre os personagens, já que os mesmos são de épocas diferentes fator resultante do contexto histórico da época. Os filmes escolhidos são adaptações das obras *Orgulho & Preconceito* (versões de 1940 e 2006); e *Razão & Sensibilidade* (versões 1981 e 1996) mantendo inclusive o mesmo título.

O filme *Orgulho & Preconceito* se inicia mostrando a família Bennet, que tem cinco filhas solteiras e se encontra numa situação difícil, já que vivem em uma época onde as mulheres não podem herdar os bens da família. Sendo que a principal preocupação da Sr.^a Bennet era ver as filhas bem casadas, existindo uma verdadeira perseguição aos pretendentes.

No decorrer do filme a família Bennet, conhece um jovem de família abastarda que é visto como um futuro pretendente de uma das suas cinco filhas. Mas, quando a família o encontra pela primeira vez percebe que estavam enganados, pois Mr. Darcy é visto como orgulhoso e arrogante. Apesar da má primeira impressão e superioridade social ele se encanta por uma das Bennets mais precisamente por Elizabeth, sem que ela saiba do fato. E a partir daí sua relação será uma sequência de desentendimentos, até que os acontecimentos possam revelar o verdadeiro caráter do Mr. Darcy e a desconstruir o preconceito e também orgulho de Elizabeth.

Já o filme *Razão & Sensibilidade* começa mostrando uma família que acaba de perder seu patriarca, e sua herança é deixada para o único filho homem, sendo o mesmo influenciado pela sua esposa Fanny a deixar suas três irmãs e madrasta praticamente sem dinheiro. A família Dashwood conhece Mr. Ferrars o irmão mais velho de Fanny um amável, modesto, inteligente, mas reservado jovem, o mesmo passa alguns dias na companhia da família, partindo logo em seguida. Tempo suficiente para ele se interessa por Elinor a filha mais velha, uma moça mais racional e sensível.

A família Dashwood é obrigada a mudar-se para o campo, lugar onde as duas irmãs mais velhas; Elinor e Marianne conhecem o amor, mas agora que estão sem “dotes” tudo fica mais difícil. Após alguns meses sem ver Mr. Ferrars, Elinor conhece a suposta noiva de Mr. Ferrars que desde muito tempo mantinham um noivado em segredo. Essa descoberta só fez com que Elinor sofresse ainda mais e perdesse as esperanças de um dia se casar. Com o passar dos meses, Mr. Ferrars vai à casa de Elinor e explica que é ela quem ele ama e a pediu em casamento.

O enredo de ambos os filmes enfatiza os relacionamentos amorosos e as convenções sociais necessárias para se obter uma união matrimonial bem vista pela sociedade da época. Para os dois personagens que iremos analisar os paradigmas formais do final do século XVIII e início do século XIX, no que se refere a envolvimento amorosos, se tornam obstáculos, apesar de possuírem personalidades diferentes, tanto Mr. Darcy como Mr. Ferrars vivenciam as implicações de não se submeterem a determinadas formalidades.

Através da literatura comparada, observaremos o contexto histórico e social na quais essas duas personalidades distintas estão inseridas. Esta ramificação da teoria literária “envolve o estudo de textos entre culturas, que é interdisciplinar e que está voltada para os padrões de relações entre as literaturas no tempo e no espaço.” (BASSNETT, 1993, P.1.). Também analisaremos os personagens com base no conceito de masculinidade hegemônica que é definido por Connell e Messerschmidt (2013, p.245), como “um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse”.

Ou seja, por meio da literatura comparada podemos ver como ela trata as obras que são transformadas em outras, como por exemplo, o livro em filme, que é o que aconteceu com os dois livros *Orgulho & Preconceito* e *Razão & Sensibilidade* da autora Jane Austen que foram transformados em filmes, no qual estamos fazendo a comparação do gênero na perspectiva da masculinidade hegemônica entre os personagens masculinos Mr. Darcy e Mr. Ferrars. Sendo que “O intertexto é então definido como a percepção, pelo leitor de relações entre uma obra e outras que a precederam ou a seguiram”. (SAMOYAULT, 2008, p. 28)

Sendo assim, examinaremos as duas obras cinematográficas com intuito de buscar entender os paradigmas sociais que ditavam o modo como os homens deveriam agir e se comportar para serem respeitados, sendo responsáveis na perpetuação da dominação masculina sobre as mulheres. Além disso, será possível observar que apesar de muitos desses padrões terem sido desconstruídos ao longo dos anos, alguns ainda permanecem vigentes na atualidade.

1 Conhecendo a literatura comparada

Sabendo que a literatura comparada amplia os conhecimentos de diferentes línguas e que a mesma não é um método, surge a pergunta: o que é Literatura Comparada? Segundo Coutinho (2006, p.56 apud Bassnett 1993, p.1) a literatura comparada “envolve o estudo de textos entre culturas, que ela é interdisciplinar e que está voltada para os padrões de relações entre as literaturas no tempo e no espaço”. Ou seja, a literatura comparada amplia os conhecimentos de diferentes línguas e culturas.

De acordo com Remak (1980, p. 429-437), a literatura comparada pode ser compreendida como o estudo da literatura para além das fronteiras de um país particular, e o estudo das relações entre literatura, de um lado, e de outras áreas do conhecimento (as artes, a filosofia, a sociologia), de outro. O comparatismo configurasse como o estudo das diversas literaturas nas suas relações entre si, isto é, na medida em que umas estão ligadas às outras na inspiração, no conteúdo, na forma e no estilo.

A literatura comparada é um campo interdisciplinar, onde os comparatistas estudam as diferentes línguas, gêneros e os limites entre as demais artes. Desta forma, Bernd (2013, p.220) diz que é na “[...] transversalidade que deve ser praticado o viés comparatista, devendo inserir-se em uma rede aberta que privilegia os questionamentos em detrimento de respostas definitivas [...]”. Já que comparar pode ser entendido como um aspecto de disciplina multifacetada na qual é a literatura comparada. Pois, é preciso ter um olhar crítico durante a análise, tendo um objetivo a ser alcançado após a comparação das obras. Assim, Coutinho (2006, p. 50), define a adaptação de uma obra da seguinte forma:

[...] adaptação de uma obra de uma esfera artística ou do conhecimento para outra também deixou de ser vista pela perspectiva binária tradicional, que considerava sempre a segunda como devedora da primeira, e passou a ser encarada como uma outra manifestação, uma tradução criativa da primeira, que com ela dialoga, mantendo a sua singularidade [...].

Desta forma, a partir da literatura comparada se faz o estudo de gênero, onde se realiza a distinção entre masculinidade e feminilidade que são usados como metáfora de poder e de capacidade de ação. Existindo assim, múltiplas formas de ser homem e ser mulher, pois essas formas se modificam com o tempo, criando outras realidades para os gêneros.

Em ambos os filmes, nos deparamos com protagonistas masculinos que representam a imagem da masculinidade hegemônica nos séculos XVIII e XIX, através da representação cinematográfica podemos perceber os empecilhos sociais que moldavam o “ser homem” daquele tempo. Sendo que é por meio da teoria literária comparativa, que é possível analisarmos as jornadas desses personagens, examinando as semelhanças que aparecem no contexto social em que estão inseridos e contrapondo as diferenças no modo como eles se relacionam e lidam com os obstáculos presentes em suas trajetórias.

2 A masculinidade hegemônica de ontem e de hoje

Segundo Almeida (1996, p. 162) “[...] A masculinidade hegemônica é um consenso vivido. As masculinidades subordinadas não são versões excluídas, existem na medida em que estão contidas na hegemonia, são como que efeitos perversos desta, já lá estão potencialmente”. Onde as transformações poderão causar o fim da categoria do gênero.

Almeida (1996, p. 163) define a masculinidade hegemônica da seguinte forma:

A masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível – na prática e de forma consistente e inalterada – por nenhum homem, exerce sobre todos os homens e sobre as mulheres um efeito controlador. Implica um discurso sobre a dominação e a ascendência social, atribuindo aos homens [...] este privilégio potencial. Um paradoxo deve, desde já, ser elucidado: se masculinidade e feminilidade são, ao nível da gramática dos símbolos, conceptualizadas como simétricas e complementares, na arena do poder são discursadas como assimétricas [...].

Ou seja, a masculinidade hegemônica mostra que a sua definição possui um procedimento social fragilizado, e muito disputado. Almeida (1996, p.164) ainda mostra que a masculinidade “é ao nível da negociação quotidiana, das interações carregadas de poder, das reformulações das narrativas de vida, que o gênero como processo e prática pode ser apreendido”.

[...] o gênero é precisamente um processo de objectificação das relações sociais, simplificando a sua complexidade e localizando em homens e mulheres características de agência e poder que não lhes são inerentes. Importa pois identificar esses *habitus* que, sediados no sujeito incorporado, reproduzem o gênero e o potenciam para ‘falar’ do poder noutras relações sociais, como o trabalho, a política, as expressões emocionais. Mas não é só isso: transplanta para o mundo as categorias de gênero que, depois, são lidas como atributos do mundo que legitimam os diferentes atributos e chances sociais de homens e mulheres enquanto tal e de homens e mulheres específicos. (ALMEIDA, 1996, p. 185 -186)

De acordo com Albuquerque Júnior (2013) no Nordeste também existia o modelo patriarcal, um modelo que na Inglaterra é lei. Onde as riquezas deixadas após a

morte do patriarca da família eram herdadas apenas pelo primeiro filho homem, e se por acaso o patriarca só tiver tido filhas a herança era passada para um parente próximo da família, como um primo, um sobrinho, entre outros. Já que as mulheres não tinham direito a herança, a única coisa que as restavam era a procura de um bom casamento, para terem um futuro digno naquela época. Com isso, Albuquerque Júnior (2013, p. 62) diz que:

[...] Um elemento central na reprodução da família de modelo patriarcal seria o casamento feito seguindo motivações de interesse econômico, político e étnico, em que a escolha do futuro marido ou mesmo da futura esposa, dos filhos, era feita pelos patriarcas. Os filhos, quase sempre, desde muito cedo, eram prometidos como futuros cônjuges de membros da própria parentela ou de outra parentela, àquela que, por motivações de ordem própria, fosse interessante se ligar.

Desta forma, os filhos e filhas eram obrigados a casarem apenas por interesse, e não por amor. Já que os mesmos deviam total obediência aos seus pais, caso contrário eram expulsos de casa e não teriam direito a herança. Albuquerque Júnior (2013, p. 69), ainda afirma que:

Um par romântico é, em última instância, um par formado pela vontade igualitária dos dois, pela inclinação romântica de ambos em direção um do outro. Além de que pressupõe o predomínio do sentimento que seria um território com o qual as mulheres sabiam lidar com maior desembaraço. O amor, como todo sentimento, feminizaria o homem, o tornaria mais delicado, sendo, portanto, encarado, quase sempre, como um problema para o mundo masculino.

Muitas sociedades aristocráticas tradicionais foram baseadas no princípio da primogenitura: o filho mais velho herdava tudo da propriedade da família, de modo a evitar a fragmentação e preservar a riqueza da família. Esse privilégio concedido ao filho mais velho dizia respeito ao patrimônio imobiliário da família, muitas vezes colocando-se pesadas restrições sobre a propriedade: o herdeiro não era autorizado a dilapidar os valores dos bens, sendo então obrigado a viver da renda da capital — e não do ganho de capital por sua venda. Em seguida, era transmitida para o próximo herdeiro na linha de sucessão, geralmente o neto mais velho. Sendo assegurado pela Lei Britânica.

Durante a sociedade vitoriana, o homem teve que seguir os códigos morais e sociais, para se tornar um homem de respeito. Que de acordo com Silva (2005, p. 225)

“[...] os jogos, as bebidas e por vezes o fumo se tornaram impróprios para cavalheiros [...]”. Ou seja, os homens tinham que aceitar as ordens impostas pela rainha, sendo seguido um padrão de conduta social.

Segundo Vigarello (2013, p. 205) “[...] o homem da ‘idade viril’, sempre idêntico, na Modernidade, à imagem esperada do homem ‘perfeito’”. Ou seja, quando ocorre a transformação do homem como herói, que usava a sua força para conquistar algo. Tornando-se homem moderno que usa da sua sutileza para conseguir o que se deseja. Deixando de lado a sua superioridade e o preconceito diante de uma sociedade com poucos recursos financeiros.

3 Análise crítica dos filmes *Orgulho & preconceito* e *Razão & Sensibilidade*

Os filmes *Orgulho & preconceito* (2006) e *Razão e sensibilidade* (1996) abordam os temas casamento e status sociais, mostrando como eram os relacionamentos e a procura por um casamento satisfatório no século XIX. Já que nessa época apenas os filhos homens tinham direito a herança, e uma mulher sem dote não tinha grandes chances de conseguir um bom casamento, já que o nome da família influenciava muito nas relações sociais que eram justamente definidas pelo casamento. Ou seja, um homem que se casa-se com uma mulher pobre ele não seria bem visto pela sociedade e isso iria influenciar em seus negócios pessoais.

O personagem Mr. Darcy no filme *Orgulho & preconceito* é descrito como reservado no âmbito social, distante, arrogante, antipático, insolente e até mesmo detestável aos olhos de Elizabeth Bennet. Sua dignidade e retidão moral são vistos pela sociedade como orgulho excessivo em virtude de seu status social. Em muitas situações da narrativa Mr. Darcy causa uma impressão ruim, porém, seus amigos o estimam enormemente. Já Mr. Ferrars no filme *Razão & sensibilidade* é apresentado como um homem amável, modesto, inteligente, um jovem reservado, inseguro, religioso, e elegante. Um jovem que está prestes a receber a herança do pai.

Dentre os séculos XVIII e XIX, a manutenção dos “dotes” é consequentemente, um dos privilégios sociais, mais relevantes do que a busca por uma união matrimonial

verdadeiramente romântica. Pois era mais importante para as famílias conseguirem casar os seus filhos com rapazes ou mulheres que tivessem status sociais, do que por amor. Já que nesse período o patrimônio da família só podia ser herdado por um homem, ou seja, um filho, um primo distante, e pouco restando para as mulheres a não ser o matrimônio.

A visão que a sociedade europeia possuía sobre os gêneros, era bastante influenciada pela a religião, principalmente, pelos os princípios do cristianismo e de acordo com o estudioso Peter N. Stearns (2018, p. 105), nos séculos XVIII e XIX: “Os europeus (sobretudo, mas não exclusivamente, protestantes) descortinaram uma definição sem precedentes de ideias masculino e feminino. Nessa equação, os homens eram em primeiro lugar trabalhadores e figuras públicas”.

Naquela época, a Europa exercia uma superioridade econômica e política sobre outras sociedades, logo, os homens, por serem considerados seres superiores, deveriam agir e se comportar de forma que refletissem a soberania do seu país. Nos filmes, tanto Mr. Darcy quanto Mr. Ferrars são símbolos dessa superioridade europeia, não apenas por integrarem a classe nobre, mas também pelo modo como se vestem, falam e agem diante dos principais acontecimentos das histórias.

Os dois personagens também apresentam uma superioridade moral, em *Orgulho e preconceito* (2006), é possível ver isto com mais clareza, quando Mr. Darcy tenta consertar os problemas causados pelo desonesto Mr. Wickham, enquanto em *Razão e sensibilidade* (1996), Mr. Ferrars mostra sua boa índole ao contar a verdade sobre o seu compromisso com outra mulher para Elionor. O princípio da honra faz parte da personalidade de ambos os personagens, sendo esta uma característica bastante apreciada socialmente.

Segundo Connell (2016, p. 94), “As masculinidades são padrões socialmente construídos de práticas de gênero. Esses padrões são criados por meio de um processo histórico com dimensões globais.” Ou seja, o contexto histórico daqueles séculos influenciou o modelo de masculinidade hegemônica europeia das sociedades que os personagens habitam.

No decorrer do filme, Mr. Darcy se demonstrou ser um homem desprezível, que se julgava melhor que todos por ser de uma classe alta da sociedade. Sua arrogância o

impedia de ver além de seu mundo, até que Elizabeth de forma irônica e amorosa conseguiu fazer com que ele percebesse que estava errado sobre si mesmo. Sendo que, após tomar consciência Mr. Darcy percebeu como era errada sua maneira de agir com as pessoas, e passou a ser um homem melhor e mais gentil, mudando até mesmo o modo de se vestir, passando a usar roupas mais simples, como as de um homem do campo.

Já Mr. Ferrars era um homem mais acessível, que não ligava muito para o que a sociedade daquela época pensa a respeito da classe social das pessoas. Ainda muito novo Mr. Ferrars firmou compromisso com a jovem Lucy Steel sobrinha do seu antigo preceptor, mas ao conhecer a Elinor, ele se apaixonou verdadeiramente por ela, começando assim um conflito entre a honra e o amor verdadeiro. Pois, por honra, ele não poderia jamais romper um compromisso que havia firmado com a outra moça. Até por que naquela época a palavra de um homem deveria ser honrada até o último dia de sua vida, mesmo que isso lhe proporcionasse uma vida de sofrimentos.

Porém com o passar dos meses a jovem Lucy Steel ao saber que o noivo Mr. Ferrars foi deserdado pela mãe, termina o noivado com ele e firma compromisso com o seu irmão mais novo, que se tornou herdeiro de toda fortuna da família Ferrars. Com isso, Mr. Ferrars se viu livre para casar-se com Elinor, seu verdadeiro afeto.

Mr. Ferrars também não pode ser considerado hipócrita por ter decidido pela vida religiosa: seu baixo grau de comprometimento religioso era, certamente, tão grande, se é que não era maior, do que normalmente era encontrado no clero anglicano daquele período.

A partir do momento em que Mr. Darcy e Mr. Ferrars encontram o verdadeiro amor, eles passam a romper com a masculinidade hegemônica, ou seja, eles passam a agir emocionalmente de forma mais “frágil” sem seguir as regras estabelecidas pela sociedade da época, tornando assim homens modernos deixando de lado os seus status sociais. Desta forma, a masculinidade hegemônica vai permiti que os protagonistas transitem de uma classe mais elitizada para uma mais popular.

Conclusão

Nos filmes *Orgulho & Preconceito* (2006) e *Razão & Sensibilidade* (1996) vemos a reconstituição das sociedades dos séculos XVIII e XIX e os preceitos comportamentais que estabeleciam o modo como os homens e as mulheres deveriam agir e se comportar para serem aceitos. Apesar de apresentarem personalidades bem distintas, Mr. Darcy e Mr. Ferrars representam os modelos de masculinidades hegemônicas daquelas épocas.

O foco de ambas as obras cinematográficas são os relacionamentos amorosos e as normas e convenções sociais que se relacionam com a ideia do casamento. Logo, os personagens encontram obstáculos sociais que os afastam dos seus reais desejos amorosos, Mr. Darcy se apaixona por Elizabeth, que é de outra classe social, o mesmo acontece entre Mr. Ferrars e Elinor. Vale ressaltar que naquela época as mulheres de classe social alta eram prometidas a homens também da mesma classe, com o intuito de juntar as riquezas. Assim tanto Mr. Darcy como Mr. Ferrars já eram noivos com outras mulheres antes de conhecerem os seus verdadeiros amores. Sendo posteriormente rompidos os padrões sociais a parti do momento em que Mr. Darcy se casa com Elizabeth e Mr. Ferrars se casa com Elinor por amor e não pelos bens materiais.

Os dois personagens conseguem o tão almejado final feliz, se casando com as suas pretendentes, rompendo com a idealização da masculinidade hegemônica daquele tempo. No decorrer dos anos, houveram muitas mudanças nas relações dos gêneros, principalmente no que tange, as relações amorosas, criando novos modelos de masculinidade, assim como novos modelos de feminilidade, logo, esses conceitos não permanecem inertes no tempo, acompanhado as transformações que ocorrem nas sociedades.

Por meio da análise fílmica podemos destacar a transformação do padrão de masculinidade hegemônica observadas entre as personagens Mr. Darcy e Mr. Ferrars nos filmes *Orgulho & preconceito* e *Razão & Sensibilidade*, passando de um homem mais rude para um homem frágil. Sendo que os filmes giram em torno da temática do casamento, mostrando a desigualdade entre as classes sociais e a divisão da herança patriarcal.

Com isso impõe-se as diferenças sociais, como modos de se vestir, de educação e da própria escolha de marido. Tanto Mr. Darcy e sua amada, como Mr. Ferrars e Elinor são provas vivas e fazem parte da realidade contemporânea de pessoas totalmente diferentes (pobre e rica), vivendo em mundos totalmente opostos, com a grande chance de surgirem empecilhos a sua volta, mas, que essas diferenças, foram capazes de unir os dois casais, já que cada um foi capaz de fazer o outro feliz, isso foi possível devido a entrega total e a reflexão de assumir erros e tentar consertar o que ainda dava pra solucionar, sem maiores danos aos semelhantes.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940).* / 2ª Edição. / - São Paulo: Intermeios, 2013.

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Gênero, Masculinidade e Poder: Revendo um caso do sul de Portugal.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

BASSNETT, Susan. *Comparative Literature: a critical introduction.* Oxford: Blackwell, 1993.

BERND, Zilá. “Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade” *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 23, São Paulo, pp. 211-221. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/downloads/revistas/1450360607.pdf>>

COUTINHO, Eduardo. “Literatura comparada: reflexões sobre uma disciplina acadêmica”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 8, Rio de Janeiro, 2006, pp41-58. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/downloads/revistas/1450354157.pdf>>

CONNELL, R. ; MESSERSCHAMIDT, J. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.* *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 241-282, Janeiro-abril/2013.

CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais.* São Paulo: Versos, 2016.

ORGULHO E PRECONCEITO. Direção: Joe Wright. Produção: Eric Fellner. Produtora: Working title films, 2006.

RAZÃO E SENSIBILIDADE. Direção: Ang Lee. Produção: Emma Thompson. Produtora: Constantin Film, 1996.

REMAK, Henry H. H. The Future Of Comparative Literature. In: Proceedings Of The Eighth Congress Of The ICLA. Stuttgart: Kunst und Wissen/Erich Bieber, 1980. p. 429-437.

SILVA, Alexander Meireles da. Literatura Inglesa para Brasileiros – 2ª Ed. Rev. 2006. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2005.

SAMOYAULT, Tiphaine. A intertextualidade. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, pp. 13-45.

STEARNS, Peter N. Histórias das relações de gêneros. São Paulo: Contexto, 2018.

VIGARELLO, Georges. A virilidade moderna: convicções e questionamentos. Direitos de publicação em língua portuguesa – Brasil: 2013, Editora Vozes Ltda.

**MEMÓRIAS DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO INTERIOR DA PARAÍBA:
MOYSES NIGRI E O ATAQUE A IGREJA ADVENTISTA EM BAIXA VERDE**

Daniel da Silva Firino

Mestrando em História na UFPB

danielfirino@hotmail.com

RESUMO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia instalou-se na fazenda Baixa Verde na então vila de Queimadas em 1938. Em 1940, o prédio, onde eram realizados os cultos, foi atacado por cerca de 300 católicos que o apedrejaram e espancaram o pastor Moyses S. Nigri. O evento foi relatado, no mesmo ano, na Revista Adventista por Jeronimo G. Garcia, que presenciou o ocorrido, e por H. O. Olson, presidente da Missão Nordeste. Nigri só descreve o ocorrido em 1960 e em 1964 na Revista Adventista e em sua biografia lançada em 2014. Este trabalho tem como objetivo analisar a biografia de Nigri, utilizando-se de uma perspectiva histórico cultural, para compreender os conflitos religiosos que ocorriam em uma parte da sociedade paraibana do início da década de 1940. Ademais, será